

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	950	\$120
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 981

30 DE MARÇO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Visita dos Reis de Portugal a Madrid



S. S. M. M. EL-REI D. CARLOS e AFFONSO XIII
SAHINDO DO «AYUNTAMIENTO» DE MADRID, DEPOIS DO ALMOÇO
(Instantaneo do sr. Benoiel enviado especial d'o OCCIDENTE a Madrid)

Chronica Occidental

Os pontos de interrogação, que, desde o principio d'este anno, andavam n'um baile vertiginoso, de entontecer as cabeças e de fazer doer aos olhos que os miravam, a confundirem-se na quadilha sem direcção, esses mesmos marrequinhos, com seu ar enguicador, não pararam, depois que o sr. Hintze Ribeiro subiu ao poder. Pelo contrario. Que farão governo, progressistas, dissidentes, republicanos e o sr. João Franco?

Se não fosse a boa idéa do sr. Pacini de trazer a S. Carlos os maestros de maior fama, só de politica haviamos de fallar, que fóra de S. Carlos, só de politica é que se conversa a todas as esquinas de Lisboa, ás mesas de jantar, nos americanos, nos cafés, nos quartos andares e nos primeiros, talvez até no Paço e no Asylo da Mendicidade.

O Principe, sr. D. Luiz Filippe, que ha dias fez annos, durante as duas horas que levou o desfilar de quantos á familia real foram apresentar seus cumprimentos, decerto leria no rosto de cada um, fosse um victorioso da ultima hora ou um vencido, o formidavel espanto pelo que, sob os tectos decorados do paço da Ajuda, se havia passado de notavel na politica portugueza.

Fôra n'um dia de festa a reconciliação dos srs. João Franco e Hintze Ribeiro. Não sei se estes senhores serão supersticiosos; deveria a escolha da hora ser-lhes de bom agoiro.

Já os ministros progressistas se não apresentaram essa noite no theatro de S. Carlos Houve quem quizesse notar maior entusiasmo nas salvas de palmas com que o publico saudou a familia real, depois dos vivas do estylo. Talvez. Mas não ha unidade para medir enthusiasmos e talvez que essas mesmas palmas fossem pelos progressistas avaliadas por muito fracas.

Com muito pouca differença do que se dizia, logo que o sr. Hintze foi chamado ao paço, se achou constituido o novo ministerio. O engano foi simplesmente no que se referia á entrada do sr. Anselmo de Andrade.

Todos os que aceitaram agora as pastas que lhes foram pelo sr. presidente offerecidas, já n'outras situações haviam sido ministros, embora alguns com pastas differentes.

O sr. Pimentel Pinto é ministro pela terceira vez. Fôra-o em 1893 até 1894, e depois desde 1900 até á queda do gabinete regenerador.

D'este ultimo ministerio fez tambem parte o sr. conselheiro Teixeira de Sousa, que, em 1903, transitou da pasta da marinha para a da fazenda, abandonando o governo em abril de 1904.

O sr. Campos Henriques foi, pela primeira vez ministro em 1894, substituindo Carlos Lobo de Avila que trocou a pasta das obras publicas pela dos extrangeiros. Em 1900 fôra outra vez chamado pelo sr. Hintze Ribeiro.

O sr. Wenceslau de Lima já em 1903, quando foi da recomposição do gabinete, fôra chamado para exercer o cargo de ministro dos extrangeiros, para cujo ministerio voltou agora.

O leader da minoria regeneradora, sr. Pereira dos Santos, tambem, ainda que por pouco tempo, tomou conta em 1900 da pasta que novamente lhe foi agora confiada nas obras publicas

Finalmente o sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, que era actualmente presidente da camara municipal de Lisboa, logar que largou pelo de ministro da marinha, tendo já, de 1893 a 1897, dirigido os negocios da justiça.

A falta de gente nova no poder tira aos que mais se desentastiam com estes assumptos uma grande parte da curiosidade, deixando os, de quando em quando, occupar-se de mais alguma coisa do que vai por ahi e não tem felizmente, n'estes principios da primavera, escasseado.

Como já dissemos, occupa o primeiro logar o theatro de S. Carlos, que das varias notabilidades annunciadas já duas apresentou: Leoncavallo e o abba Perosi, aquelle regendo a sua obra prima, *Os Palhaços*, e este as suas oratorias.

Para os que deveras amam a arte, para todos aquelles que não vêem no theatro lyrico apenas a sala elegante em que se exhibem e aos vestidos *joilletés* das esposas, citados pelos chronistas do *high-life*, esta primavera de 1906, final de estação, deve-lhes para sempre de ficar lembrada.

Pudemos por felicidade n'estas ultimas chronicas falar um bocadinho em coisas d'arte, dar noticia de que ha ainda em Portugal um sopro de vidas, de que nem todos os que se sacrificam pelo bello não de amargar com ironias dos vadios o bocado de pão duro que conseguem comer. A arte educa para a arte, e, n'este sentido, os que vierem mais tarde tem muito que agradecer aos que para si inutilmente trabalharam, mas conseguiram melhorar o futuro dos mais novos.

Breve teremos nova exposição de bellas artes. Comparemos a de agora áquellas de ha vinte annos e veja-se o muito que se conseguiu; compare-se a fama dos pintores de hoje á de Lupi, por exemplo.

Ainda bem que assim foi, ainda bem que, uma vez por outra, podemos entre noticias de mera curiosidade, ou de postiga importancia, fallar de coisas que nos interessam devéras e deveriam interessar a todos.

A politica, d'esta vez, não é de sobre-posse que devemos mencional-a. O que se passou, logo apoz a mudança do ministerio, deu que fallar, e com razão, ao paiz inteiro. Por isso ainda voltaremos ao assumpto, depois da pequenina digressão a que nos obrigaram as famosas recitas de S. Carlos.

O importantissimo facto foi este: Passou-se na sala do throno. O sr. João Franco approximou-se do sr. Hintze Ribeiro, com quem tinha, havia muito, as relações cortadas, e estendeu-lhe a mão que o sr. presidente do conselho apertou muito cordealmente.

Facto na apparencia tão simples, mas de tamanha importancia—basta lembrar o logar em que a reconciliação se manifestou—tem sido, claro está, commentadissimo. Haverá tambem, segundo se diz, uma approximação entre progressistas e regeneradores liberaes. Já se aponta para o sr. João Franco como successor do sr. José Luciano. E os dissidentes? E que haverá nas proximas eleições? Como se vê, continuam os pontos de interrogação contradançando descabelladamente.

A seu tempo tudo se ha de revelar, solução de tantos odios politicos desfeitos e outros odios que se vão gerando. A resultante, que ninguém prevê, seja para nosso bem e possam todas as forças intelligentes da nação achar entre o nevoeiro caminho seguro.

Entretanto voltemos ainda por um momento a fallar de coisas de arte, visto que o assumpto ainda não está exgotado.

De theatro pouco ha a dizer, porque a maior parte dos actores já está pensando muito mais no Brasil do que no repertorio que lhes falta estudar para darem conta do seu recado até fim da sua escriptura.

Em D. Maria estreitou-se com talento, que nem toda a platéa quiz reconhecer, um novo auctor dramático, o sr. Augusto de Castro. Dizia, no dia seguinte, o *Seculo*, e com toda a razão, que está sendo difficilimo escrever para o theatro em Portugal, tão desnorteado anda o publico, cada qual tendo ou fingindo ter, altissimos ideaes, todos diferentes.

O sr. Augusto de Castro foi mais uma victima, mas tem valor de sobra para não se deixar desanimar por um pequenissimo tropeço que lhe puzeram no caminho.

Passemos do theatro para outro genero de arte, e tomando nota da sessão solemne na Academia Real das Sciencias a que assistiu a rainha sr.^a D. Amelia e em que peio sr. Eduardo Burnay foi lido o elogio do Conde de Ficalho e em seu estylo primoroso o sr. Sousa Monteiro fez o elogio historico de Mommsen, desenhemos um traço de lucto antes que lamentemos a morte d'um

artista que longos annos viveu entre nós, Calmels, de quem tantas estatuas adornam edificios de Lisboa.

São de Calmels o grupo allegorico sobre o arco da rua Augusta, o frontão da Camara Municipal, a estatua de D. Pedro IV no Porto, a estatua da Dor no tumulo dos Duques de Palmella, etc. Tendo vindo para Lisboa convidado por El-rei D. Pedro V, tinha o seu atelier no palacio da sr.^a Duqueza de Palmella de quem fôra professor. Não era das suas menores honras, nem melhozes razões tinha para seu orgulho de artista.

JOÃO DA CAMARA.

Visita dos Reis de Portugal a Madrid

Entre as nações, como entre as familias, ha deveres de cortezia cujo cumprimento é o equilibrio das relações que convem manter para a boa harmonia entre os povos e garantia de paz.

Longe vão os tempos que nas fronteiras de Portugal muitas vezes, desde Affonso Henriques, se avistavam os nossos reis com os de Castella, ora para tratarem de guerra, ora para tratarem de paz, que de tudo a historia nos diz em suas paginas, como em suas paginas nos falla das glorias partilhadas por estes dois povos da Peninsula Iberica, nas conquistas e nos descobrimentos dos seus capitães e dos seus navegadores.

Longe muito longe vão esses tempos; os dois povos já se não reúnem para os pleitos das armas, ontras são as conquistas da nossa epoca; já não correm aos descobrimentos porque lá o disse o grande epico.

«Se mais mundo houvera lá chegara!»

Hoje, em que todas as nações procuram aproximar-se quanto possivel para, em boa harmonia, melhor accordarem em seus interesses commerciaes que mais importam á expansão das suas artes e industrias, empregando n'esta diligencia todos os esforços diplomaticos, Portugal não podia ficar extranho a esse movimento, e d'ahi provem as visitas que nos ultimos annos tem recebido dos chefes das nações estrangeiras, visitas que tem sido retribuidas pelo Chefe do Estado, como agora o foi a do Rei Affonso XIII que nos visitou em dezembro de 1904.

Partiram S.S. M.M. El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia da estação do Rocio, no dia 11 á noite. Acompanhando Suas Magestades foram as sr.^{as} Condessa de Figueiró e D. Izabel Saldanha da Gama, damas de Sua Magestade a Rainha; conde de Sabogosa, mordomo-mór, condes da Ribeira e de Figueiró mordomo e veador da Rainha, condes de Tarouca, camarista de El-Rei, conde de Arnoso, seu secretario particular, vice-almirante Guilherme Capello e tenente-coronel Charters de Azevedo, ajudantes de Campo, capitão Thimoteo Alvim e tenente Figueira Freire, officiaes ás ordens, e D. Antonio de Lencastre, medico da real camara. Acompanhavam tambem Suas Magestades os sr. Conselheiro Eduardo Villaça, ministro dos estrangeiros e D. Barnabé Davila, ministro de Hespanha em Lisboa.

Na segunda feira 12, ás 3 horas e meia da tarde chegava o comboio real a Madrid, dando entrada na estação do Meio Dia.

Suas Magestades eram ali aguardados pelo Rei Affonso XIII, Rainha Christina, Infantas Maria Theza e Izabel, e pelos Infantes Carlos e Fernando, membros do governo, auctoridades civis e militares, e possoal da legação portugueza.

Foram effectuosissimos os cumprimentos trocados entre os monarchas e infantes, e depois das apresentações do estylo, passaram revista á guarda de honra emquanto a banda tocava o hymno portuguez.

Em seguida as duas rainhas tomaram logar em uma carruagem e os reis n'outra, organisando se o cortejo em direcção ao Palacio do Oriente.

Nas ruas o povo apinhoava-se acclamando os regios visitantes e das janellas as senhoras saudavam os Reis de Portugal acenando com os lenços. Quando o cortejo passou em frente do Congresso, os deputados vieram á escadaria e saudaram calorosamente os monarchas.

No dia da chegada, á noite, houve o banquete de galla, em que os soberanos trocaram effectuosos brindes, lendo o Rei Affonso um breve discurso, em francez, em que manifestou seu grande regosijo pela visita dos Reis de Portugal, saudando os augustos representantes da nação portugueza unida á Hespanha por apertados laços de amizade, fazendo ardentes votos para que mais se estreitem as relações existentes entre os dois

paizes e voltem dias gloriosos ás duas nações da peninsula que tiveram Camões e Cervantes

A este brinde respondeu El-Rei D. Carlos, tambem em francez, agradecendo a brilhante recepção que lhe era feita e á Rainha, desejando todas as prosperidades á Hespanha e a continuação das boas relações existentes entre os dois povos, aperciando altamente a gentileza de ser nomeado coronel honorario do regimento de infantaria 16 de Castella.

As festas realisadas no segundo dia foram: almoço na legação de Portugal, tiro aos pombos, visitas, e recita de Galla no Theatro Real, que foi das festas mais brilhantes e agradaveis, porpocionadas aos monarchas portuguezes.

Quem tem assistido a essas recitas de galla no Theatro Real de Madrid sabe do brilho e riqueza que ostentam, apresentando os grandes de Hespanha todo o esplendor de suas insignias, as damas suas preciosas joias, em que sobresaem os diademas de sua gerarchia, o que junto ás decorações luxuosas da sala, apresenta um aspecto deslumbrante.

A entrada dos monarchas na tribuna real, a orchestra tocou o hymno portuguez, e por toda a sala resouu uma salva de palmas e entusiasticas aclamações aos soberanos portuguezes.

O terceiro dia foi destinado á grande festa militar do juramento de bandeiras pelos recrutas do exercito.

O dia apresentou-se esplendido, como os anteriores, de plena primavera. Em Madrid, logo de manhã houve maior movimento do que o costume; todos se dirigiam para o Paseo da Castellana, onde formavam as tropas da guarnição.

O cortejo real sahio do Palacio do Oriente, cerca das dez horas.

Nas ruas do trajecto a população de Madrid agglomerava-se em massa e acclamava com entusiasmo os soberanos portuguezes.

A's dez horas e um quarto chegava o cortejo real ao Paseo da Castellana apeando-se as rainhas da carruagem para tomar logar na tribuna real. O Rei Affonso e El-Rei D. Carlos que tem acompanhado a cavallo a carruagem das rainhas, collocam-se á frente do Estado Maior, e começa a missa campal, celebrada n'um altar armado em frente da tribuna real, n'uma capella improvisada com riquissimos pannos de Arras. Sobre o altar vê-se um bello oratorio gothico com a imagem de S. Fernando.

A elevação da hostia, tocam as bandas a marcha real e soam os clarins; a artilheria salva e os soberanos fazem a continencia a cavallo.

Terminada a missa, os reis e seu estado maior desfilam deante da tribuna real, fazendo continencia ás rainhas, e vão presidir ao juramento das bandeiras.

E' uma cerimonia impressionante. O Conde del Serrallo, general e governador militar de Madrid, a cavallo, dirige-se aos recrutas, clamando bem alto;

«Juraes por Deus e prometteis ao Rei defender a bandeira até derramar a ultima gota do vosso sangue?»

Os recrutas responderam a uma voz:

—Sim juro.

O Capellão Castrense, bispo de Sion, dirige-se por sua vez aos recrutas e diz:

«Se assim fizeres, Deus vos recompensará; e se não, sereis por Deus condemnados.»

Os recrutas, então, desfilam por deante das bandeiras do regimento a que pertencem, e beijam-nas respeitadamente. Cada bandeira está crusada pela espada do commandante do regimento, e concluidos os juramentos, a bandeira, empunhada pelo capitão ajudante e segura por uma das extremidades pelo tenente coronel *mayor* do corpo a que pertence, forma como que um arco, sob o qual passam os recrutas descobrindo se.

Durante esta cerimonia, as bandas regimentaes tocam marchas guerreiras.

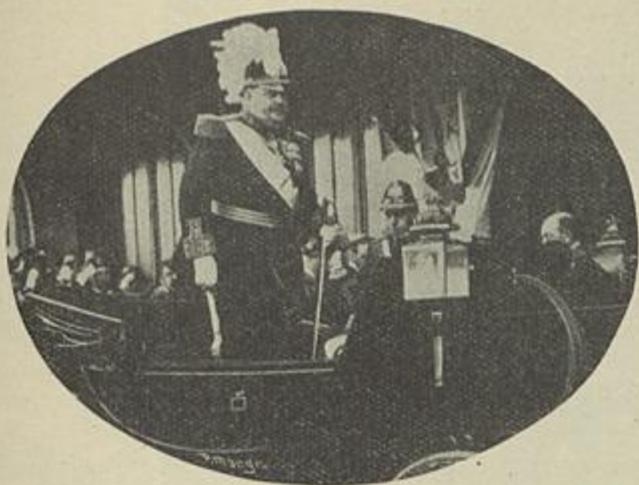
Depois do juramento, desfilaram os estandartes e bandeiras com as guardas de honra, por deante dos monarchas, que lhe fazem a continencia, e por deante da tribuna real, onde as rainhas lhe fazem venia.

Assim terminou esta aparatosa cerimonia, a festa mais luzida que se effectuou na recepção dos monarchas portuguezes.

N'esse dia houve tambem uma tourada na Praça Real a que assistiram as pessoas reaes, e que foi o grande espectáculo, como são sempre as touradas reaes em Madrid, onde o povo espande todo o entusiasmo e alegria que lhes desperta o seu divertimento predilecto.

As 4 horas principia o torneio; nem um só logar vago nas trincheiras e nos camarotes. Quando

Visita dos Reis de Portugal a Madrid



SUAS MageSTADES EL-REI D. CARLOS, AFFONSO XIII E RAINHAS D. AMELIA E D. CHRISTINA, ENTRANDO PARA AS CARRUAGENS NA ESTAÇÃO DE MADRID

El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia entraram no camarote, já toda a familia real hespanhola os aguardava.

Bienvenida offerece a sorte de morte do primeiro touro á Rainha D. Amelia, mas só depois de varias estocadas consegue matar a féra. Os espectadores mostraram-se descontentes com o artista, entretanto a Rainha brinda-o atirando-lhe um estojo com um rico anel. *Lagartijo* não está mais feliz que o seu collega, e só consegue matar o touro que lhe pertenceu, depois de muitas estocadas. Os espectadores agitam-se descontentes em grande vozeria dirigindo-se para a Senhora D. Amelia para que: *No le regale. Lagartijo* está humilhado, mas a Rainha pede complacencia para elle e atira-lhe graciosamente um estojo com um lindo alfinete de manta. O publico ergue-se n'uma ruidosa ovação á gentil soberana. *Machaquito* é mais feliz e logo á primeira estocada mata o touro que lhe coube. A Rainha D. Amelia brinda o *diestro* com uma abotuadura, mas elle, no meio do seu enthusiasmo, esquece-se de agradecer. Os espectadores erguem-se em grita para que lhe dê: *Las gracias!* Então *Machaquito* agradece a Sua Magestade e percorre em volta da arena recebendo os applausos do publico. Mais outro touro morto por *Algabeño* a quem a Senhora D. Amelia brinda, no meio de ruidosos applausos dos espectadores.

Quando foi morto o ultimo touro já o sol ia a desaparecer, e as pessoas reaes retiravam em suas carruagens para o Palacio do Oriente.

Toda a população parecia ter accudido ás ruas por onde seguia o cortejo real, fazendo alas para este passar, e não se cançando de acclamar os monarchas, principalmente a Rainha D. Amelia que mais admiravam.

N'essa noite houve concerto no Palacio Real, depois de jantar. Foi uma diversão agradabilissima que terminou á meia noite.

Na quinta feira 15, dia da partida para Lisboa, Sua Magestade a Rainha D. Amelia sabiu de manhã a passeio pela cidade, acompanhada apenas pela sr.^a Marquesa de Santa Christina, sua dama de honor. Sua Magestade foi reconhecida pelo povo, na *Carrera de San Jeronymo*, e este victoriou-a dando-lhe vivas e palmas. Mulheres levando creanças acercavam-se da Rainha e saudavam-na em toda a sua simplicidade: *Viva Amelia, la mas guapa de todas las reinas—Viva la mujer mas hermosa de todas las Españas*; e a estas saudações sinceras das pobres mulheres, Sua Magestade correspondia com aquelle sorriso de bondade que do coração lhe assumia aos labios, e ia afagando as creancinhas, que são seu enlevo. O povo foi-se juntando em volta da carruagem e seguiu-a até ao palacio acclamando com caloroso enthusiasmo a formosa Rainha.

Foi uma demonstração espontanea de carinho e de admiração do povo de Madrid pela soberana portugueza, que seguramente muito terá impressionado seu coração.

Ao meio dia era o almoço no *Ayuntamiento* de Madrid offerecido a El-Rei D. Carlos. A este almoço assistiram amhem o Rei Affonso XIII, os infantes

D. Carlos e D. Fernando, membros do governo, alcaide, ao todo cento e doze comensaes.

O palacio do *Ayuntamiento* encerra obras d'arte de grande apreço, especialmente quadros dos grandes mestres, que foram admirados por El-Rei, como apreciador d'estas obras e artista que é.

A' sahida do *Ayuntamiento* ainda El-Rei se deteve na escada a ver as pinturas que a ornamentavam, sendo n'essa occasião que o nosso enviado especial, sr. Benoliel, tirou o magnifico instantaneo que reproduzimos na primeira pagina.

Antes da partida, Suas Magestades acompanhadas pela Rainha Christina, visitaram a Infanta D. Isabel no seu palacio, onde se realisou uma brilhante festa em sua honra.

A's cinco horas partiam de Madrid os Reis de Portugal e, em lúcido cortejo, se dirigem para a estação do Meio Dia.

O povo accode em massa ás ruas por onde passa o cortejo, e acclama enthusiasmo os monarchas portuguezes; das janellas as senhoras acenam com os lenços e lançam flôres sobre as carruagens, a ovação é completa. A tropa, que forma alas nas ruas, a custo sustem o povo que mais de perto quer vêr e victoriar Suas Magestades, rompendo em acclamações: *a la reina mas hermosa.*

E' sob estas impressões que os monarchas portuguezes deixam Madrid, fazendo suas effectuosas despedidas ao Rei Affonso XIII, Rainha D. Christina e Infanta D. Thereza, na estação.

O comboio parte, no meio de calorosas ovações da população, que dá vivas a Portugal e á Hespanha.

A CATASTROPHE DO «AQUIDABAN»

O bando precatório

O bando precatório que no domingo 18 do corrente se realisou em Lisboa, a favor das familias das victimas da catastrophe do *Aquidaban*, foi mais uma manifestação de sympathia e de fraternidade, prestada pelo povo portuguez ao povo seu irmão da grande republica do Brasil.

Foi uma manifestação que se distinguiu principalmente pela espontaneidade com que o povo a ella se associou, correndo em massa ás ruas por onde o bando transitava e concorrendo todos com o seu obulo conforme suas posses.

O bando, organizado na Praça do Commercio, apenas percorreu as ruas da Prata, Bitesga, Augusta, Aurea, Rocio e Avenida, ao fim da qual dispersou. N'este relativo curto trajecto, que levou das duas ás seis horas da tarde, recolheu 910\$755 réis; se tivesse podido alargar mais a sua volta muito maior teria sido a colheita.

O bando foi assim composto:

Uma força de policia, na frente, abria caminho. Seguia-se a banda da guarda municipal tocando marchas funebres; cavalgada Gagliardi; *landau*, ornamentado com pannos negros, levando as lanternas accesas e velladas de crepes, as mueres com xaíres pretros, o cocheiro e trintanario com laços de luto nos braços e no pingalim. Este carro era destinado ao deposito das esmolas que se fossem recebendo.

Seguiam-se diversas carruagens, conduzindo atrizes, indo na primeira Jesuina Saraiva e Maria



A TOURADA — ASPECTO DA PRAÇA REAL DE MADRID

(Instantaneos do sr. Benoliel, enviado especial d'o OCCIDENTE)

Visita dos Reis de Portugal a Madrid



JURAMENTO DE BANDEIRA S. OS REIS AFFONSO XIII E D. CARLOS ASSISTINDO Á MISSA CAMPAL.



representação da Camará Municipal de Lisboa, membros da comissão executiva, da Associação Commercial do Beato e Oliveaes, da dos Logistas de Lisboa etc. Fechava o bando a musica da Armada, executando marchas funebres do seu magifico repertorio.

Uma das notas mais sympathicas foi o terem-se encorporado n'este bando as actrizes dos theatro de Lisboa, que, na Avenida se apearam das carruagens em que iam, e se dirigiram ás senhoras, que áquella hora ali passeavam, pedindo-lhe o seu obolo para as pobres familias das victimas do grande desastre do *Aquidaban*, alcançando boas esmolos.



O DESFILE DOS ESTANDARTES E BANDEIRAS DEANTE DA TRIBUNA REAL.—O CONDE DE SERRALLO, GENERAL GOVERNADOR DE MADRID, PROFERINDO A ALLOCUÇÃO AOS RECRUTAS
(Instantaneos do sr. Benoiel, enviado especial do Occidente a Madrid)

Falcão; na segunda, Angela Pinto e Julia Moniz; na terceira, Cecilia Machado, Delfina Cruz, Luz Velloso e sua mãe; na quarta, Gabriela Lucey e Josepha de Oliveira; na quinta e ultima, Augusta Cordeiro, Emilia de Oliveira Delphina Victor, The-reza Mattos, Amelia Barros e Georgina Gonçalves; seguiam depois a banda de caçadores 2, executando marchas funebres; os piquetes de bombeiros municipaes e voluntarios conduziam uma véla grande, onde colhiam os donativos, levando os Voluntarios baldes de lona, em que recebiam as esmolos.

Completava o bando a *charrete* do corpo dos bombeiros municipaes, os representantes de diversas associações, Centro *Rodrigues de Freitas*, setenta alumnos do Lyceu Polytechnico, com o seu estandarte, trez alumnos da Escola Polytechnica, tambem com o seu estandarte,

A Catastrophe do "Aquidaban"



As duas ultimas palavras «naturêsa» e «viva» incitaram-me a curiosidade no sentido de percorrer alguns livros e registar, aproximando-as, diversas definições de vida, a partir do seculo XVIII; ei-las, consoante a ordem cronológica:

Enciclopedia, de Diderot e d'Alembert, tomo 35.º, edição de Berne e Laureano, 1781. — «Vida é o contrario de morte, a qual é destruição absoluta dos orgãos vitais, sem que estes possam restabelecer-se; de maneira que, a alimentação de qualquer particula no ser mais insignificante faz cessar logo a vida. Vê-se que n'este estado delicado é difficil distinguir entre vivo e morto; mas tomando aqui a palavra vida no sentido vulgar, éla é um movimento continuo dos solidos e dos fluidos de todo o corpo animado. D'este duplo

Vida e morte

«... pois a morte nam he mais que um passo que estaa entre vida e vida:...»

SAMUEL VASQUE. — *Consolaçam ás tribulaçoms de Israel.*

No prefacio do sr. L. Laloy, á versão da *Memoria*, de Haeckel, intitulada *Estado actual de nossos conhecimentos sobre a vida do homem*, encontrei este periodo:

«Quando se estuda o vasto conjunto universal não é licito negar que uma finalidade, inteiramente alheia ao mundo inorganico, presidiu as adaptações successivas e tão variadas da naturêsa viva.»



PARTIDA DO BANDO PRECATORIO DA PRAÇA DO COMMERCIO. — O BANDO PRECATORIO PASSANDO NO ROCIO.
AS ACTRIZES DOS THEATROS DE LISBOA NO BANDO PRECATORIO.

(Instantaneos do Sr. Bonoliel)

movimento continuo e reciproco, deriva a nutrição e o crescimento, a que succede o enfraquecimento e a morte. E' bastante acrescentar que d'este crescimento resulta a dissipação das partes aquosas, moveis, fluidas; o resto torna-se improprio para a circulação e faz corpo com o tubo que tapa. Assim, a coagulação dos humores, a ossificação dos vasos, são os tristes mas necessarios efeitos da vida. A fisiologia demonstra como a maquina se destroe, sem haver um remedio capaz de impedir-lhe a destruição»

Tratado elementar da ciencia do homem, por Gabriel Gabet, Paris, 1842. — «O principio vital é inesplicavel pelas leis quimicas; aparenta resultar de uma acção superior em que ha seres que reúnem todas as propriedades fundamentaes e constituem successivamente uma imagem mais completa da naturêsa.

No processo organico operam, com efeito, as forças dos processos dinamico e quimico, mas sempre modificadas pelas forças particulares do organismo. Assim, na quimica, desde que os corpos, ou os elementos, se confundem, permanecem em repouso, em equilibrio; mas na vida dos corpos organizados, este repouso e equilibrio são perturbados continuamente, e a força que mantém tudo em movimento, que determina o constante circular dos succos e do sangue nos corpos de forma não explicavel pelas leis ordinarias do mesmo movimento, semelhante força que nunca deixa paralisar a acção quimica, e que essencialmente modificam á sua custa os elementos quimicos, é uma força superior que se póde chamar força vital. Entretanto, denominando-a assim, importa não representá-la como força particular e simples, tal qual é a atracção, o calor, a eléctrica: éla parece promanar do conjunto das forças contrarias que reciprocamente se equilibram e que em sua tendencia para um identico fim, criam-se como instrumentos orgãos correspondentes, que formam o organismo da vida. A força é um fenómeno da vida, mas a causa da vida reside no individuo que a possui.»

Força e materia, por Luiz Buchner, 3.^a edição, Leipzig, 1899. — «As qualidades dos átomos são indestrutíveis, conforme se diz cientificamente. Ora, como a experiencia quotidiana mostra que todos os organismos são formados dos mesmos átomos que os corpos inorganicos e que não diferem entre si senão no modo de agrupamento, não póde haver forças organicas especificas e, portanto, força vital... A força vital não é, pois, um principio, mas um resultado.»

A Biologia, pelo dr. Carlos Letourneau, 2.^a edição, Paris, 1877. — «Sim, a vida repousa sobre um duplo movimento de decomposição e de renovação, simultaneo e continuo, mas este movimento produz-se no seio de substancias dotadas de um estado fisico e muitas mais vezes de um estado morfológico, particulares. Este movimento provoca funções varias em relação com o aludido estado morfológico dos tecidos vivos, de ordinario compostos de células e de filamentos dotados de propriedades especiaes. Admitimos, pois, que «a vida é um duplo movimento de composição e de decomposição, continuas e simultaneas, no seio de substancias plasmáticas ou de elementos anatómicos figurados, que sob a acção d'este movimento intimo obram em conformidade com a sua estrutura.»

Solidarismo, pelo Visconde de Coruche (Caetano da Silva Luz), Lisboa, 1892. — «A natureza do espirito vital póde ser comparada á acção do tempo, sem o qual é impossivel conceber-se a vida no seu estado latente ou activo. Essa essencia ou força mysteriosa que fecunda e faz mover os seres da natureza, não póde confundir-se com as forças physicas nem com as materias chemicas, mas influe n'ellas como um elemento potencial, dotado de faculdades electivas para escolher e coordenar os átomos de materia, fazendo-os obedecer a determinadas leis conformes com a sua propria natureza.»

Que variejade enorme de conceitos, para desenvolver os caratères duma idéa em que João de Deus se exprimiu com esta graça incisiva e poetica.

«A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae!»

Porém, se os cantôres do ideal se satisfazem com definições em linguagem rimada, outro tanto não succede aos investigadores da verdade no laboratorio da Natureza, os quaes, só descançam depois de varrer os enigmas com o assérto positivo das ciencias. E' assim que êles demonstram não haver morte real: o que designâmos morte é apenas inicio de vida, banquete de vida!

(Continúa).

D. FRANCISCO DE NORONHA.

LITERATURA ANGLO-AMERICANA

Um cavalheiro irlandês

Por

W. SOMERSET NAUGHAM

Quando o honrado estalajadeiro da Aguia de Oiro apresentou o livro de registo a um forastei-

ro, recebendo na diligencia á pequena capital do Principado de Wartburgo — Hochstein, o advena, com floreada caligraphia, descreveu a sua pessoa sob a entidade de Roberto O'Donnel, cavalheiro fidalgo, da idade de vinte e oito annos; e quando o supracitado estalajadeiro, curioso em saber a historia do seu novo hospede, aventurou umas discretas perguntas, este accrescentou á brevidade d'aquelles dados a informação de que andava viajando pela Allemanha em cata de commoções artisticas, que tinha visitado as galerias de Dresde e de Berlim, e agora, em caminho de Munich e da Italia, se propunha deter-se na cidade de Wartburgo, com o sentido em recapitular as proprias ideias e pôr em dia o seu jornal. Porquanto, naquella era dos primeiros annos do reinado da Rainha Victoria, não havia pessoa culta que sáisse para o estrangeiro sem levar consigo um copioso livro de apontamentos, e Mister O'Donnel havia já enchido um sem numero de paginas com os extases ateados no seu seio entusiastico pelos palacios de Potsdam, pela Madonna Sixtina, pelos castellos do Rheno; e para sua propria edificação lhe accrescentára diversas reflexões filosoficas e varias ideias poeticas, á proporção.

Era um homem guapo, dotado de uma compleição florescente, dentes alvos e olhos audaciosos; — o frenesi Byroniano reinava ainda, suprêmo — e usava o cabello em desalinho, cuidado a par de admirado: as suas suissas, isso então, mereciam-lhe desvanecimento muito acima do limite ordinario. O seu trajar, flamante naquella propria era, em que a juventude se esforçava systematicamente por assarapantar o vulgo, excitavam sempre lisonjeira attenção; o collarinho largo e esbragado exhibia o pulcro contorno do colo, a manta de setim contrastava, vehemente, com a extravagancia do colete, e o chapéu de altissima copa usava o elle com uns ares frascarios que eram d'elle e de mais ninguem. O estalajadeiro suppunha-o uma creatura sorprendente, encantava-o, porém, a improencia com que elle, num opulento sutaque hybernico, discursava fluentemente em abominavel allemão; e o seu despejo alacre e donoso incutia ao bom do tudesco suspeitas de como não podia ser menos de algum fidalgo inglês podre de rico, até que o proprio Mister O'Donnel lhe afirmou o sobrelevar a tudo isso, c'o a breca, pois era um gentilhomem irlandês em cujas veias girava o sangue de innumerous reis. Nunca lhe occorreu acrescentar que a sua familia havia topado com dias atribulados, e que as cinco notas do banco que trazia na carteira constituíam a totalidade do capital desta vergontea de tão antiga raça.

Mr. Donnel, desde largo tempo, vivia das suas prendas, dedicando a sua viva intelligencia a quanto lhe proporcionasse ensejo de um ganho honesto, ensinara latim a pimpôlhos ignáros, desempenhara o papel de coveiro no Hamlet, escrevinhara para editores, jogára, saboreando cada minuto da sua existencia; e agora, havendo, mercê de propicio acaso, apurado um cento de libras apostando nas corridas, andava a realizar um sonho acalentado desde longa data; tendo por objecto visitar as romanticas paragens pelas quaes tanto tempo almejava a sua fantasia.

O seu genio farfalhudo alentara-o através de um sem numero de vissicitudes, o seu pundonor todavia, defendera-o, ainda nos maximos apertos, de qualquer acto desluzindo de seus Régios avoengos, e o encanto das suas maneiras havia-lhe angariado vasta congerie de amigos a quem, em hora de apertos, poderia sempre pedir emprestada uma libra.

Até que, por fim, em Londres, as coisas se lhe antolharam mais risonhas, produzindo-lhe a possibilidade em alcançar mais desafogada situação; e todavia, uma vida de prospero ramerrão era a ultima de quantas perspectivas lograriam atrahi-lo, e assim que sentiu no bolso tão redonda quantia, atirou pelos ares a todos os seus projectos de vida, e com o seu Virgilio numa algibeira, e na outra o seu Childe-Harold, elleahi vae tentar uma excursão de aventuras. Calculava que o seu cabedal lhe devia chegar até Roma, onde tinha amigos e podia esperar pelo que desse e viesse, era possivel que qualquer cardeal precisasse de um secretario, que rebentasse uma guerra originando a necessidade de voluntarios, que se organizasse uma qualquer expedição com o fito em descobrir o Polo do Norte, — algum fidalgo desejar um pedagogo para o filho.

De qualquer modo, o futuro trataria de olhar por si; elle, Mister O'Donnel, só podia atender ao presente.

No dia immediato á sua chegada a Wartburgo, foi desde logo visitar o castello, celebre mercê da sua historia romanesca e das soas masmorras: a tudo ia observando com olhos anciosos, e depois,

vagueando a esmo pela floresta principesca, com imaginação escaldada de todo, ia fantasiando patheticas aventuras, em cujos transe elle, heroe peregrino, resgatava daquellas denegridas muralhas formosas donzellas no auge da afflicção.

De subito, viu vir para si uma joven a cavallo, galopando com pavorosa velocidade. Ella, a puxar pelas rejeas com quanta força tinha, obviamente aterrada, mas de balde: e observou que havia perdido de todo o governo da montada.

Mister O'Donnel era rijo de pulso e valente; atravessou-se-lhe no caminho, deitou mão ao freio, foi arrastado por ali fora, no percurso de algumas jardas, eventualmente, comtudo, teve a sorte de deter o cavallo. A dama escorregou do selim e desmaiou-lhe nos braços, elle, era versado na litteratura do dia o sufficiente para saber o modo de a fazer tornar em si, e, carregando com ella até um vizinho regato, banhoulhe as fontes com agua fria. Ella, in-continenti, abriu os olhos, sorriu com meiguice, e córou.

— Quer me parecer que me salvou a vida, murmurou a joven.

— Minha senhora, para o conseguir, haveria dado da melhor vontade a minha propria vida, replicou elle, com galanteria.

Sem dar tempo, comtudo, ao colloquio de ir por diante, eis que uma edosa senhora e dois cavaleiros, acodem a galope, se apeiam apressados, e rodeiam a formosa amazona com anciosas perguntas.

— Não estou magoada, nem assustada, declarou a joven — Acudiu me este cavalheiro.

A edosa senhora agradeceu elaboradamente ao nosso heroe e um dos cavaleiros adiantou-se — um sujeito mirrado, com peile de pergaminho.

— Permita-me que a mim proprio me apresente, cavalheiro — Conde Pedro von Graban.

— Roberto O'Donnel é o meu nome, para o servir, cavalheiro.

— O cavalheiro prestou me um serviço inestimavel a Sua Altêsa Serenissima a Princesa Maria de Wartburgo-Hochstein.

Mister O'Donnel varreu o chão com o altissimo chapéu, e a menina, com um sorriso, adeantou para elle a mão.

— Como poderei agradecer-lhe?

Elle osculou a oferecida mão e levou a sua delle ao coração.

— Sou eu que devo agradecer-lhe, minha senhora.

(Continúa)

M. DE MACEDO

Experiencia e Innocencia

(A D. Francisco de Noronha)

A missão da mulher é mais divina do que humana; a do homem, mais humana do que divina.

Aquella, estabelece-se entre Deus e o homem; esta, entre o homem e o animal.

A mesma humanisação que no homem existe é devida ao mistér da maternidade.

Mas a mulher esterilisa as suas faculdades divinas pela insciencia da sua missão. Carece do calor e da luz da sabedoria, que só ao ser humano pode chegar a través do fogo da experiencia. Mas esta, crêta a flôr divina da innocencia, como o fogo a mimosa flôr do prado quando elle se lhe aproxima.

No entanto a vida circula do Céu para a Terra, e d'esta para o Céu e a juventude da alma (cultivada) começa, quando a corporal acaba. Assim a alma sem mancha, do que quer partir, encontra-se a meio caminho com a que no mundo pretende entrar, no regaço do amor e da virtude, casta e pura como o fluxo do Céu a prepara.

Deus que preside com a balança da justiça a todos os destinos da humanidade, e que só vê no Céu o que no mundo se passa a través dos olhos da alma dos que o buscam (assim como nós só vemos o Céu na Terra, a través dos olhos do corpo, quando para a vida futura da alma elaboram), pesa o valór da experiencia do ancão, e se esta equivale á riqueza do amor innocente faculta para este o calor e a luz da sabedoria, e toma a alma dorida do ancão, refractaria ao fogo da experiencia. Assim se encontram a meio caminho em virtude da sua afinidade moral-intellectual, as duas juventudes.

Quando ao pôr do Sol a nossa alma se enleia com os seus esplendores e com o perfume das

flôres que nos cercam, uma voz, a voz de Deus, fála assim ao ancião: Cantam as aves na epocha dos seus amores, tambem Eu quero que cante o ancião, que Me busca aos esplendores do seu sol poente, quero que receba da creança o perfume dos seus amores perfeitos em flôr e com elle se inebrie no leito da morte, que para mim o vae buscar.

MIGUEL D'ARRIAGA.

ESCANDALO!

Scenas da vida de provincia

POR

ANTONIO D'ALBUQUERQUE

LISBOA

Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso

1905

Algun dos leitores d'esta revista conhece um folhetim, original portuguez, que veiu publicado no *Noticias de Lisboa* intitulado *O amor?* Pois bem: este romance de que vamos tractar é vasado quasi que nos mesmos moldes. O que Vieira da Costa — um escriptor de verdadeiro merito — fez, foi escrever *O amor* com melhor estilo, fórma mais attrahente e n'um descriptivo de primeira ordem, emquanto que Antonio d'Albuquerque descreveu scenas quasi identicas, com menos calor. *O Escandalo!* é isto: uma mulher casada, atraiçoa o esposo com um amigo d'este e, subjulgados pela acção historica da mulher e volupia do homem, entregam-se mutuamente, sem preverem nem meditar sobre os resultados que d'esse amor sobreviriam. Apanhados em flagrante, vêem-se forçados a seguir rumos oppostos. A infeliz, porém, doente, definhada de saudades pelo homem que ama loucamente e repellida pela sociedade, foge para longinquas paragens; declara ao seu amante as ideias sobre o caso e convida-o a acompanhá-la com o filho adúltero para o Brasil. Elle nega-se a fugir, deixa-a seguir o destino... e morre por lá abandonada.

Este o topico principal sobre que gira o romance; para explicar este adúlterio é conveniente dizer-se que o casamento fôra forçado e a mulher não gostava do marido. Em solteira namorára o rapaz com quem depois traiu o marido. Eis o resumo do que é *O Escandalo!* de Antonio d'Albuquerque.

N' *O amor*, romance-estudo de uma paixão, n'um estilo fino e delicado, mostra-nos Vieira da Costa — um dos poucos que não figuram em *vera-efigie* em illustração alguma, o que o dá como um escriptor modestissimo, embora tenha já dois livros primorosos — *Entre montanhas* e *Irmã Celeste* — duas creaturas altamente sympathicas, Alberto e Adelaide. Estes dois personagens conhecem-se, namoram-se, mas os papás de Adelaide não se importam com esses segredos de coração, que nada valem a par d'uma posição elevada na sociedade. Arranjam-lhe um casamento de conveniencia — que chega a ser de inconveniencia — com um consellheiro pesado, velho, pé-de-boi e gasto. Adelaide um tanto ambiciosa, pela educação recebida, é claro — vae pouco a pouco esquecendo o seu antigo namorado, o que dá lugar a que o enlace consellheiral se realize. Passam-se tempos e a infeliz menina sonhando com salões, com theatros, com tudo o que a fizesse apresentar sua belleza, acorda com a realidade dos factos: o marido é ciumento por velho e

d'ahi o recatal-a o mais possivel; segue-se aborrecimento conjugal. Por um acaso — que nos não acóde agora — encontra o seu primeiro namorado; após uma lucta intima de parte a parte, o coração vence o amor! O marido sabe por uma carta anonyma do que se passa; a mulher, porém, antes d'isso, soubera dos amores illicitos d'este com uma governanta; augmenta o rancor pelo homem que lhe roubou a felicidade, o seu primeiro amor; o consellheiro, sabedor do caso, mune-se de revólver e vem a caminho da terra — Regua, se nos não falha a memoria — com o fito de os apanhar em flagrante; colhe-o a congestão a meio. Finda aqui o romance? Não, senhor; passados uns mezes mais, os dous namorados, tornados amantes, casam.

Afinal, quem firma esta noticia tencionava escrever acerca d' *O Escandalo!* e fugiu para *O amor!* E' caso para o Gomes de Carvalho, o actual gerente da casa Tavares Cardoso, se zangar connosco e, vamos com Deus, tem razão, mas como ha muito andamos com vontade de referir-nos a esse bello romance de Vieira da Costa, aproveitámos o ensejo, demais que tambem fazemos reclamo ás *Entre montanhas*, de Vieira da Costa, que editou a livraria Tavares Cardoso.



ANTONIO D'ALBUQUERQUE

Para que os nossos leitores o conheçam, damos o retrato de Antonio d'Albuquerque; sobre o seu renome diremos mais que é dedicado a Alexandre Braga e Julio Dantas, que não desgostámos de o ler... e agradecemos a Gomes de Carvalho o exemplar enviado, pedindo nos desculpe a digressão.

Lisboa, XVI-II-CMVI.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Vamos hoje fallar dos stenodoses Lumière. São capsulas de estanho hermeticamente fechadas, contendo productos puros em pó, applicaveis á photographia (hyposulphito, acido gallico, etc). Esses productos são doseados de forma que se possa fazer uma solução de 50 a 100^{gm}. As capsulas trasem o nome do producto e o seu peso, e reunidas em numero de 10, cada caixa. A caixa de reveladores pelo diamidophenol tem, por exemplo, 10 capsulas de 3 grammas cada, de sulphito anhydro, e outras 10, com 50 centigramas de amido cada capsula.

A capsula rasgada, deita-se o pó no liquido e a dissolução faz-se rapida.

Recommenda-se o uso d'estas capsulas sobretudo para os viajantes, evitando-se assim as pezagens e garantindo a conservação dos productos.

As corridas de automoveis em Vallada

Com a assistencia de Sua Magestade El-Rei D. Carlos e Sua Alteza o Principe D. Luiz, realizou-se no dia 18 do corrente uma corrida de automoveis em Vallada, que foi mais uma festa agradável do sport.

N'estas corridas venceu o automovel *Fiat* de 24-40 cavallos, do sr. Carlos Bleck, que fez o percurso em 43 segundos, guiado pelo *chauffeur* sr. José Aguiar.

O automovel *Zart* do sr. Esteves Fernandes de Oliveira, fez o percurso em 50 segundos.

Houve tambem corrida de motocicletas, ficando vencedora a do sr. Raul Buisson, de 12 cavallos, que fez o percurso em 36 segundos.

A ultima época lyrica no Real theatro de S. Carlos

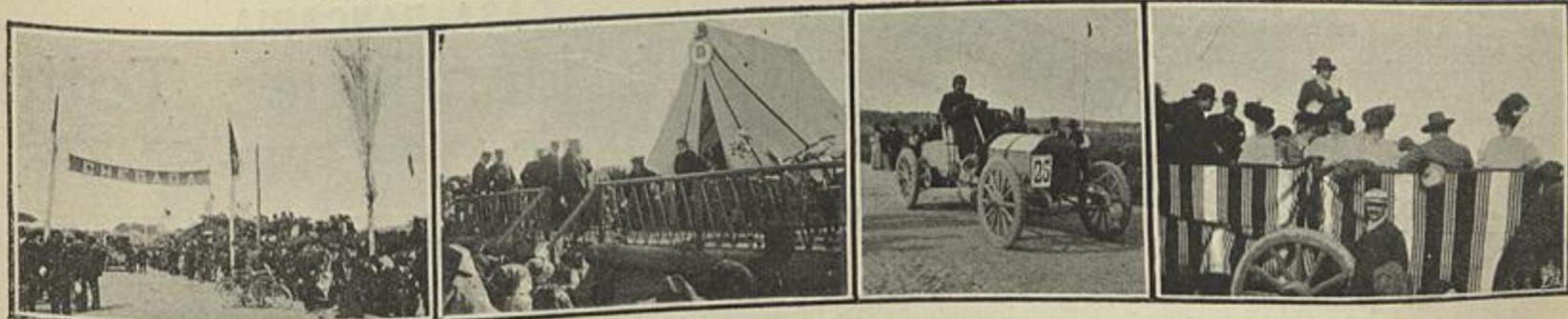
Um nucleo de artistas notaveis veiu abrilhantar a ultima época lyrica no nosso Real Theatro de S. Carlos. Citaremos, por ordem chronologica: Maurice Renaud, o afamado barytono da Opera de Paris, contratado para um curto numero de recitas, e que tão gratas recordações deixou ao nosso publico pela fórma brilhante como cantou e representou o Wolfram do *Tanhäuser* e o Mephistopheles da *Damnation de Faust*.

A seguir, convém mencionar o nome de Angelica Pandolfini, a distincta interprete da *Aida*, *Adriana Lecouvreur* e *Mignon*, o tenor David que, pelo seu excellente methodo de canto, suppria os defeitos da sua voz ingrata; o tenor Marechal, da Opera Comique de Paris que, apenas se nos apresentou no delicioso mysterio de Massenet, o *Jongleur de Notre Dame*, que o publico de Lisboa acolheu com tanta indifferença, falta que não lhe perdoaremos, e finalmente Salomea Krusceniski, a mais notavel actriz e cantora que tem apparecido na nossa primeira scena lyrica, desde os tempos memoraveis da De Resské. N'esta insigne artista não sabemos o que temos mais que apreciar, se a sua excellente voz, se o seu primoroso methodo de canto, se ainda a fórma distincta como sublinha o mais pequeno detalhe de qualquer personagem que representa. O seu trabalho no 4.º acto da *Gioconda*, foi tão extraordinario que nos fez esquecer por completo os nomes da Tetrzini e da Theodorini, até hoje sempre invocados, quando se fallava no desempenho de alguma artista que cantava entre nós esta opera.

Pois não bastava Lisboa ter tido occasião de ouvir estes apreciaveis artistas para, ainda na presente época, o empresario do nosso theatro lyrico conseguir trazer a S. Carlos, n'um curto espaço de tempo, as maiores individualidades artisticas da actualidade: os maestros Saint-Saëns, Perosi, Giordano, Leoncavallo e Mancinelli, para dirigir na orchestra composições suas, e ainda a afamada cantora Charlotte Wyns, que ouviremos na *Fedora* e na *Carmen*, sendo ella, hoje, considerada a melhor interprete do afamado *spartito* de Biset.

Saint-Saëns é o conhecido compositor francez, um dos primeiros organistas do mundo e ainda dos mais notaveis musicos symphonicos da actualidade. A sua *Dance macabre* executada em concertos, na nossa primeira scena lyrica, o *Déluge*,

Corrida de automoveis em Vallada



CHEGADA DO AUTOMOVEL DO SR. CARLOS BLECK Á META

O PALANQUE REAL

O AUTOMOVEL DO SR. CARLOS BLECK, VENCEDOR

PALANQUE IMPROVISADO EM UM CARRO

A ultima epoca lyrica no Real Theatro de S. Carlos



MAESTRO UMBERTO GIORDANO



MAESTRO RUGGERO LEONCAVALLO



MAESTRO CAMILLE SAINT-SAENS

e muitos outros poemas de concerto o atestam. Das suas operas apenas conhecemos o *Samsão e Dalila*, e tanto basta para podermos fazer uma idéa perfeita dos grandes merecimentos artisticos de Saint-Saens, collocando-o ao nivel dos principaes mestres de musica da França.

O abbade Perosi é hoje o director das capellas Sextina e S. Marcos de Veneza, auctor das oratorias, que consagraram o seu nome, em toda a Italia e no estrangeiro — a *Ressureição de Lazaro*, *Moysés*, a *Ressureição de Christo*, para não citarmos senão estas.

Não carece de reclames o nome universalmente conhecido de Umberto Giordano, o apreciado compositor do *André Chenier*, da *Fedora* e da *Siberia*, nem tão pouco o de Roggerio Leoncavallo, o popular auctor dos *Palhaços*, que veem abrilhantar com os seus nomes o elenco artistico que o empresario do Real Theatro de S. Carlos organisou para a nova serie de 18 recitas que tiveram o seu inicio no dia 20 do corrente e deverão terminar em 10 de abril. O primeiro dirigirá a sua opera *Fedora*, em lo á testa do desempenho a illustre Char-



MAESTRO LORENZO PEROSI

lotte Wvns, e o segundo a sua opera *Pagliacci*, além de outras composições suas.

O maestro Mancinelli, de quem ha mezes nos occupámos quando da abertura da actual época da nossa scena lyrica, far-nos ha ouvir as suas duas oratorias *Santa Ignez* e *Isaias*, sendo de crêr que o publico seja favoravel, no juizo que fizer d'estas duas producções, as quaes não desmerecem em nada a alta cotação do primeiro maestro de orchestra que hoje a Italia possui.

Resta-nos ainda dizer duas palavras sobre um artista, que egualmente vem agora a Lisboa, para ainda dar maior brilhantismo á nova serie de recitas do theatro de S. Carlos, o violinista Franz von Weczey, artista que apesar de ter apenas 11 annos de idade, é comparavel ao grande Kubelik que, na época transacta, applaudimos no D. Amelia, e em nada inferior aos conhecidos *virtuosos* Paderewski, Isaye e Sarasate.

São, pois, 18 recitas que hão ficar memoraveis nos annaes do theatro de S. Carlos e que fazem honra á empresa do referido theatro.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camiselas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 25g

Dois medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 **Grand Prix**—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico

POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemao, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco da Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE acceta photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.